

ARTE

Os irmãos da foto

Há três meses, os irmãos gêmeos José e Humberto Franceschi decepcionaram-se depois da tentativa de expor suas fotografias no Museu de Arte Moderna de São Paulo. "Esse tipo de exposição não se enquadra dentro das nossas finalidades", disse-lhes então um dos responsáveis pelo museu. Voltaram para o Rio e lá conseguiram, sem dificuldade, colocar seus quarenta painéis de 1 metro por 1 metro e meio, em média, no MAM carioca.

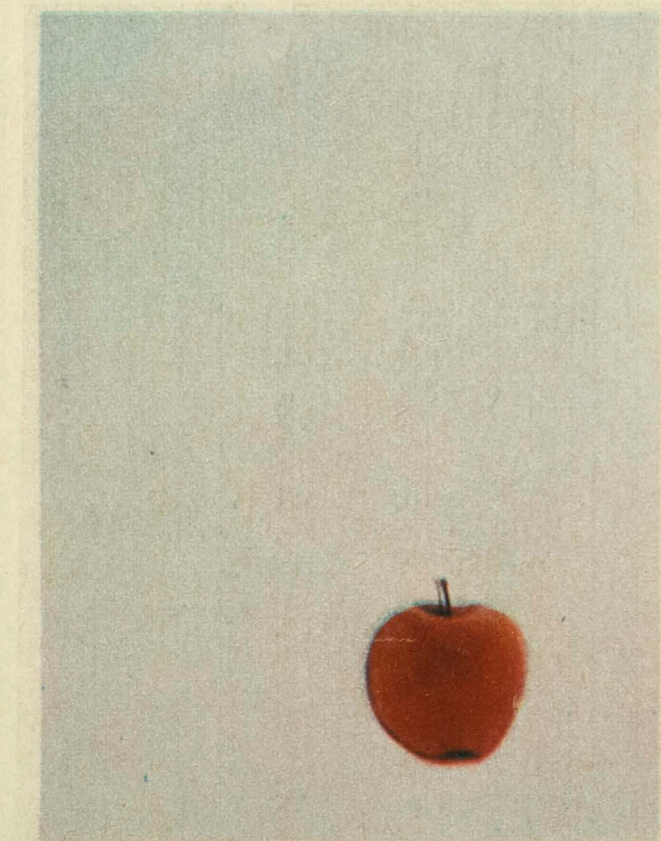
O local foi apenas um dos problemas que os Franceschi tiveram de resol-

ver para a exposição. Houve outros, até mais sérios. Como o da importação de material técnico para a concretização das várias experiências fotográficas que fazem há mais de quinze anos. Tudo o que foi usado veio do Japão, da Alemanha e dos Estados Unidos e demorou dois anos para chegar ao Brasil — porque as grandes empresas de material fotográfico não quiseram colaborar. Mesmo assim, José e Humberto chegaram a resultados excelentes, com sua exposição de fachadas coloniais, estradas, transportes, mulheres, fornos, frutas, Pelé e uma solitária maçã em fundo totalmente branco. "Ninguém no Brasil chegou tão longe no campo da experimentação fotográfica, nem obteve melhores resultados visuais da combinação desse raríssimo binômio bossa-tecnologia", diz deles seu primo-irmão, o poeta e compositor Vinicius de Moraes.

Mais dois amigos, os conhecidos arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, lhes deram a oportunidade de trabalhar em Brasília, nos anos de construção da ca-



O cigarro e a maçã: a arte nas fotos dos Irmãos Franceschi



pital. E do primeiro receberam, de graça, o projeto do estúdio onde desenvolvem suas experiências.

Faltava, no entanto, uma demonstração de grande interesse por sua obra, para facilitar a execução de outros trabalhos. E isso José e Humberto Franceschi estão obtendo agora: diariamente, mais de mil pessoas visitam sua exposição; nos fins de semana, o número de visitantes sobe a 3 000.

Bananas no Rio

Cézanne pintava maçãs, o pintor paulista Antônio Henrique Amaral, 38 anos, acredita que seja o único especializado em pintar bananas. E tem suas inspiradoras sempre próximas: "Basta eu esticar a mão que as minhas preferidas, as bananas-prata, estão ao meu alcance no quintal. Mas, para comer, gosto mais de banana-da-terra, frita com canela e

açúcar". Imensas, como closes cinematográficos, delicadas, ramificando-se em cachos, fálicas para alguns, líricas para outros, suas bananas vendem bem na galeria Bonino, do Rio, onde estão expostas desde a semana passada. Grandes (2 por 3 metros, em média) e a preço normal (até 2 000 cruzeiros), as telas de Antônio Henrique Amaral provocam reações diferentes de seus compradores. Um industrial suíço quer levá-las para Zurique para se "lembrar do Brasil em meio às neves dos Alpes". Uma senhora de São Paulo afirma, entusiasmada: "Além de darem um colorido mais vivo à sala, eles são muito fáceis de limpar e não atraem moscas".

Banana, a rainha — Antônio Henrique mora perto de São Paulo "mas longe da loucura o suficiente para não sofrer de neuroses". Pinta de oito a dez horas por dia e depois toma uísque com os amigos. Integrante de uma família de quatro irmãos ("as minhas três irmãs são iguazinhas a mim, somos todos loucos"), filho de um ex-negociante de café, o artista encontrou nos bananais à beira da estrada que o levava à capital paulista para seu antigo emprego, numa firma de publicidade, "uma forte atração plástica, pela côr, pelo volume".

Antes de "endoidar de vez trabalhando como gráfico de publicidade", Antônio Henrique Amaral largou tudo "de estalo, há uns três anos. Considerei o que havia em mim, a minha visão do mundo, o que acontecia realmente ao meu redor e encontrei na banana a nossa rainha diária. É por isso que eu as pinto, pois ainda não saímos da crise cultural, da tragédia do cotidiano em que os ídolos são os chacrinhas, os sílvios santos e as hebes — pode escrever com minúscula mesmo".

Achando que por meio da arte ele se integra com o mundo, ao passo que aderindo à publicidade pactua com a mentira ("a arte é exatamente o contrário da propaganda"), Antônio Henrique hesitou antes de enveredar pela pintura. Formou-se em direito "por engano", até descobrir a gravura com Lívio Abramo, de quem foi aluno.

Recebeu dezenas de medalhas de prata e ouro ("como as bananas") em exposições no interior de São Paulo e hoje consegue viver exclusivamente de suas telas que se aproximam do tropicalismo de Oswald de Andrade. Amaral, no entanto, não concorda quando classificam suas bananas tropicalistas ou de arte pop: "Afim, as bananas já estavam aqui muito antes da descoberta e nossa realidade tem muito mais de bananas que de cibernética". No próximo mês de outubro, convidado pela galeria Pan-Americana, exporá em Washington, "fiel ao lema musical agora integrado na pintura que mando para os States: nós temos bananas".



Bananas: Inteiras ou ...



... ou cortadas, Inspiram Amaral



FOTOS DE FERNANDO ABRUNHOSA